

## **A CRÍTICA E A CRISE EM LEYLA PERRONE-MOISÉS**

Marcia Hohenfeld Lopes

Este texto é um pouco o relato de minha experiência enquanto aluna do curso de letras do Campus II da UNEB. Embora não deseje assumir o papel de porta-voz dos alunos das estaduais da Bahia, sei que em algumas de minhas palavras ecoarão as vozes de tantos outros que como eu passaram ou passam por esta experiência traumática. E assim a defino, porque tenho a impressão de que hoje vivo lutando para superar as seqüelas que ela deixou.

O curso de Letras da UNEB desde a sua emergência objetivava primordialmente ser uma faculdade de formação de professores para atuarem no magistério secundário. Pesquisa nunca foi e ainda continua não sendo prioridade para esta instituição, que sempre privilegiou a atividade de ensino em detrimento da investigação científica.

Não bastasse isso, a pobreza do nosso acervo bibliográfico, um currículo problemático, a carência de eventos, os poucos professores que mantêm pesquisas com alunos bolsistas, a falta de estrutura do campus, isso pra falar de alguns problemas mais gerais, ainda hoje têm dificultado o exercício de produção de saber nesta instituição.

No âmbito da sala de aula é possível perceber que as aulas e as formas de avaliação raramente tem se configurado em oportunidade para o desenvolvimento de uma reflexão própria e para uma postura crítica e questionadora.

E mesmo quando penso no objetivo que a universidade assumiu, de formar educadores, não é preciso muito esforço para compreender que a formação que o aluno de letras recebe está em desacordo com as competências exigidas ao profissional da área.

Como se pode notar, problemas de várias naturezas tem convergido para que a prática da pesquisa não se efetive neste campus, de modo que o que tem caracterizado esse curso é a reprodução do que lhe é alheio e não a produção de conhecimento.

Mesmo no setor de literatura, o trabalho desenvolvido nas disciplinas que o compõem pouco ou quase nada contribui para estimular a prática da pesquisa. Penso, inclusive, que a forma como é conduzido o trabalho com literatura pode ter uma grande parcela de responsabilidade na apatia flagrante na imensa maioria dos alunos, que antes mesmo do final do curso já preenchem os quadros de professores das escolas públicas de ensino fundamental e médio e de lá nunca saem.

Sei que este sentimento de inquietação que me leva a reconhecer o estado de indignância, que com certeza se estende aos demais *campi* da UNEB, não é exclusividade minha. Mas sei também que muitos diante dessa realidade caótica perderam até a capacidade de se indignar e se renderam ao sentimento de impotência.

Considerando uma universidade na qual não há bacharelado em letras, não há um programa de pós-graduação instituído, quase não há pesquisa, portanto, quase não há produção de saber, além do pouco cultivo de um espírito especulativo e a forte programação para professor secundarista, fica claro que as amarras que impedem o funcionamento do pensamento livre e ativo são muitas.

Contraditoriamente, neste mesmo espaço no qual o aluno parece passar por um processo de apassivamento, onde impera a privação das condições propícias ao exercício da investigação científica e de uma postura contestadora, tem surgido pensamentos e atitudes revolucionárias.

A consciência de que universidade se faz é com produção de saber e a vontade de intervir na realidade tem mobilizado professores e alunos na formação de grupos e núcleos de pesquisa. Seus participantes (professores e alunos), através de encontros regulares têm entrado em contato com textos teóricos, filosóficos e estéticos, abrangendo os estudos de gênero, a literatura

comparada, teorias do cotidiano, filosofia contemporânea, micro-política, estudos de etnicidade entre outros, que têm se constituído num rico arsenal teórico facultando condições para se pensar o estágio atual do debate crítico na área de letras.

A posse desse capital simbólico também foi fundamental na liberação do olhar para que fosse possível se voltar para a realidade da crítica nesta unidade e para a investigação das forças que a tem separado daquilo que ela pode.

A minha experiência como aluna da instituição e um rápido exame nas ementas e programas de disciplina de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira, permitem perceber que, embora o percurso dos estudos literários tenha se transformado radicalmente nas últimas décadas, foram feitas apenas alterações tímidas nas mesmas, o que pode ser um sintoma de que não está havendo por parte dos docentes desta unidade um devido acompanhamento da evolução das pesquisas na área. A busca e preservação da literariedade, um deslumbramento com o fenômeno literário, o trabalho com teoria como se esta fosse um conjunto de técnicas aplicáveis na dissecação da literatura, a exclusão das discussões de questões fundamentais na atualidade, a predominância do enfoque sociológico, e até uma incoerência entre a bibliografia articulada e o que se propõe em alguns programas de disciplina, podem ser considerados indicativos de que a atividade crítica universitária no campus II da UNEB não fornece condições epistemológicas para se discutir questões de extrema relevância no cenário das letras contemporaneamente.

A prática crítico-teórica no Campus II da UNEB tem se mantido aquém da literatura, haja vista que não instrumentaliza os alunos para uma leitura mais ampla da cultura, impedindo que o foco de atenção se volte para toda uma textualidade que tem tomado parte na constituição das subjetividades.

E não apenas isso, o trabalho com pesquisa de fontes nesta unidade tem se prestado mais a um mero levantamento e armazenamento precário de dados. De modo que faz sentido perguntar

qual a utilidade deste viés de pesquisa, em uma faculdade cujo trabalho com literatura não tem fornecido ferramentas para que aluno possa tomar parte no debate teórico travado no campo das letras, não tem suscitado a emergência de um olhar crítico ativo capaz de reconhecer as forças que estão travando a atividade de pensamento na universidade e, principalmente, propor formas de reflexão que se articulem a uma prática política e transvaloradora, comprometida com a liberação das vozes subalternas?

A orientação seguida pelos estudos literários nesta estadual tem atrofiado a atividade de pensamento, tem inviabilizado o movimento da crítica e o próprio esforço de pesquisa, contribuindo para que permaneçamos na condição de consumidores do saber produzido em outros centros e não passemos a condição de produtores de saber.

Mas o questionamento dos rumos seguidos pela prática crítico-teórica entre nós tem sido feito pelas pesquisas realizadas por alguns alunos e professores, que rompendo com a disciplinaridade do curso que impede uma formação cultural ampla capaz de fornecer condições para um trabalho crítico comprometido com a tradução cultural, tem articulado saberes de vários campos disciplinares favorecendo a libertação do discurso crítico de seu confinamento no texto literário. A constituição de uma linha teórica ampla tem contribuído para a superação da mitificação em torno do literário e para manter alargada a noção de texto através da eleição de novos objetos. Essas pesquisas têm surpreendido não apenas pela escolha dos objetos, mas, principalmente, pela seriedade e rigor com que a pesquisa é realizada e o grau de sofisticação teórica empregado.

No entanto, essas pesquisas interdisciplinares e que têm deslocado o lugar da literatura como corpus exclusivo de análise têm gerado resistência por parte de alguns teóricos da área.

A atitude de Leyla Perrone-Moisés é exemplar desta postura. Em um texto que faz parte de uma coletânea de ensaios, *Inútil poesia*, a autora constata que a crítica “anda um pouco anêmica,

reduzida ao resenhismo jornalístico”. Em *Que fim levou a crítica literária?*, a autora nos apresenta uma crítica agonizante. Para Leyla, a pouca menção do termo crítica pelos teóricos da literatura, bem como, a diminuição dos debates sobre “crítica literária”, dão a tônica do desprezo por que passa essa atividade antes tão exercida e respeitada. Contrapondo-se à concepção de literatura com que os críticos modernos lidavam, na qual a literatura era concebida ela mesma enquanto crítica do real, revolucionária, utópica, e a crítica, sua correlata, era diálogo, ampliação da leitura, extensão do saber e da ação da obra, verifica-se agora seu enfoque como apenas mais uma das formas da cultura, a redução da sua função à de memória coletiva e a diluição de seu estudo no contexto mais amplo dos ‘estudos culturais’. Leyla compreende que esses fatores põem em dúvida a validade da crítica em geral e a ameaçam de perda, assim como ao seu objeto, de sua razão de ser e sua conveniência.

Nesses tempos de questionamento das fronteiras e crise geral de paradigmas, em que o diálogo interdisciplinar confere aos estudos literários uma mobilidade que se reflete em evidente alargamento do campo de atuação e abre espaço para uma crítica cultural de caráter abrangente e não especializado, a professora, numa atitude neoconservadora, reivindica um espaço para os estudos especificamente literários.

Sob o ponto de vista de Leyla, o relacionamento entre os estudos literários e os estudos culturais converte-se em ameaça de substituição das disciplinas especializadas por um ecletismo sem o rigor mínimo necessário à formação dos professores e na formulação de conceitos e juízos.

No entanto, sobre um outro prisma, longe de significar ecletismo destituído de qualquer rigor, muito menos a abdicação da profundidade de um conhecimento específico, o diálogo interdisciplinar significa a solidariedade entre os saberes.

Nesse sentido, a abertura à contribuição de outras áreas aos estudos literários tem facultado o seu fortalecimento, conferindo uma maior amplitude aos seus questionamentos e reflexões, assim

como tem favorecido a emergência de uma nova mentalidade a partir da qual tradicionais oposições binárias como o literário e o não literário, e as antigas hierarquias sob as quais se sustentava a exclusão da cultura em sua pluralidade, se diluem.

Não apenas na produção artística, mas também nas produções críticas dos cursos de Letras é possível perceber o despontar de uma outra política do valor, na qual o caráter cultural dos objetos de estudo é privilegiado em detrimento do aprisionamento no literário, em que o aspecto ético-político é sobreposto ao estético, em que o foco de atenção é desviado da tradição letrada para o cotidiano, e o canônico perde importância frente ao multicultural<sup>1</sup>.

Entretanto, pesquisas críticas como as que estão sendo realizadas na UNEB que trabalham com a noção de crítica como cultura política comprometida com uma mediação cultural a partir das formas de representação subalternas, aparentemente sob o ponto de vista de Leyla, são trabalhos não-críticos.

Dessa forma, suas considerações acabam por levantar suspeita sobre toda uma produção crítica acadêmica produzida contemporaneamente, que encaram os objetos de estudo como artefatos culturais e que aderem as propostas que oferecem formas de engajamento político e dão sustentação teórica para se trabalhar com questões que vinham sendo sistematicamente mantidas afastadas no trato com o literário como o prazer, a experiência, a vida do corpo, questões da subjetividade, o inconsciente, prática do cotidiano, questões da colonialidade, e que também possibilita discutir sobre os sentidos das produções culturais na vida de grupos específicos.

Questões como essas parecem passar pelo olhar de Leyla Perrone apenas para serem alvo de sua censura. Ao objetar sobre a nova definição de texto, a professora sugere está de fato se opondo ao fim do elitismo de que padecia os estudos literários e lamentar a saída do alto texto literário. Sua defesa da alta literatura e do cânone, assim como seu apego ao valor estético parecem

---

<sup>1</sup> Eneida Cunha. *Literatura comparada e estudos culturais*, p.68.

não recomendar o estudo da literatura contemporânea e de outras produções culturais, muito menos sob os pontos de vista das novas abordagens críticas.

Talvez a resistência às novas abordagens críticas se deva aos questionamentos e deslocamentos que elas propõem, mas também a dificuldade em compreender a cultura como uma arena de lutas, uma alternativa de sobrevivência, lugar de opressão, mas também de resistência, local de libertação da voz silenciada, espaço no qual emergem identidades, local de produção de subjetividade, enfim, talvez a dificuldade em refletir sobre a cultura como uma instância na qual se travam disputas políticas e de sua importância na vida de grupos específicos, é que continue impedindo a realização e aceitação de pesquisas críticas que se pretendam como crítica da cultura e dos modos de vida e proponha assim uma aproximação entre a academia e a sociedade.

É importante observar que a divulgação dessas pesquisas em seminários realizados no Campus II da UNEB tem estimulado o exercício da pesquisa e facultado aos alunos o acesso às produções críticas de seus professores desenvolvidas em cursos de mestrado e doutorado em outras instituições. E embora, nas bibliografias de dissertações e teses produzidas na UFBA, apenas 4% diga das produções críticas de pesquisadores baianos, vale ressaltar, que essas produções não deixam nada a dever às produções de pesquisadores desenvolvidas nos grandes centros de produção de saber. Podendo ser compartilhado com outros centros de pesquisa e tomar parte no debate teórico no campo das letras.

## **Referência Bibliográfica**

GUATTARI, Felix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Trad. Suely Rolnick.

São Paulo: Brasiliense, 1981.

- LIMA, Raquel Esteves. *A crítica literária na universidade brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 1997. (Tese de doutorado)
- PEDROSA, Célia. Crítica e Utopia. In: *Limiares críticos: ensaios sobre literatura comparada*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- PROENÇA FILHO, Domingos. Estudos literários e interdisciplinaridade. In: *Anais Abralic*. Porto Alegre, 1988.
- MOISÉS, Leyla Perrone-. *Inútil poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia, 2000.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- SOUZA, Eneida Maria, MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Navegar é preciso, viver*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- SOUZA, Eneida Maria. *Traço crítico: ensaios*. RJ: Ed. UFRJ; BH: ED. UFMG, 1993.